AVEIRO, 30 DE DEZEMBRO DE 1977 — ANO XXIV — N.º 1190

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$50

Di ector e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

ANO NOVO . . .

— Onde vamos, pai ?

— Para a esquina do costume . . .

a. torres

ESTRADA-DIQUE AVEIRO-MURTOSA

Em 29 de Novembro transacto, o Deputado do PSD, Eng.º José Júlio Carvalho Ribeiro, conhecido e reputado técnico agrário, dirigiu, ao Presidente da Assembleia da República, o requerimento que transcrevemos a seguir, em que se refere (uma vez mais) ao magno problema da construção da estrada-dique Aveiro-Murtosa — justo anseio das gentes aveirenses e de todos os portugueses, com vista a um adequado aproveitamento das vastas potencialidades da região do Vouga.

Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia da República:

Quando em 27 de Maio p. p. apontei e defendi a necessidade do adequado aproveitamento das vastas potencialidades da região do Vouga, conforme págs. 3827-3829 do n.º 113 do Diário da Assembleia da República, realcei que as populações do baixo Vouga lagunar há muito que aguardam a prometida e tão desejada construção do dique-estrada Aveiro-Murtosa, justa aspiração da região marinhoa que se fundamenta em razões de ordem sócio-económica ligadas às actividades agrícola e industrial.

Com efeito, a construção do dique-estrada para além de outras desejáveis e necessárias melhorias:

1. Reduziria a cerca de metade a distância entre Aveiro-Murtosa o que proporcionaria:

1.1. aproximar da capital do distrito às populações da região marinhoa e do concelho da Murtosa, onde vivem, da agricultura e da pesca, cerca de 13 000 pessoas, inseridas num município predominantemente rural e pobre, pelo que de há muito sujeito a uma preocupante hemorragia demográfica que há que saber estancar;

1.2. facilitar um rápido acesso e deste modo estimular a juventude rural para outros graus de ensino, agora leccionados na capital do dis-

Continua na página 8

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XVI

A Feira de Março de há sessenta anos era diferente da de agora e tinha outra finalidade, pois nela se vendiam muitos artigos que não se encontravam nos estabelecimentos usuais.

Se atendermos a que, então, o comércio dos arredores, e o da própria cidade, era de muito menores dimensões que o actual, ficaremos a compreender a razão pela qual as gentes de que falamos no artigo anterior, vinham em tão grande quantidade a Aveiro durante os quinze dias que durava a Feira de Março, visto que vinham abastecer-se dos artigos de que tinham necessidade e não encontravam à venda nas suas terras.

O dia da abertura da Feira coincide com o que a Igreja Católica consagra à Anunciação de Nossa Senhora, e era, nessa altura, Dia Santo de Guarda; por isso, aquelas gentes, depois de ouvirem a missa e arrumarem os gados, ficavam livres das suas obrigações

Continua na página 8

IMPOSSÍVEL

Eu queria, sim, eu queria
ter artes de compor uma poesia
que não fosse só verso:
que transcendesse, em luz e harmonia
a harmonia e a luz do Universo !
Que fosse um coro de emoções eufóricas
que fizessem bater o coração
e conseguissem soluções teóricas
para esta confusão
que nos oferece a Vida no Ocaso:
— Teremos vindo ao mundo por acaso ?
Ou tudo teve um fim, uma razão ?
Se Deus nos determina, a cada qual,
uma tarefa ou obra a empreender,
será que cumpri bem o meu mester
ou cumpri mal ?
— Fui, por certo, um artífice imperfeito,
que deixou tanta coisa por fazer
e aquilo que fez ficou mal feito.

Eu queria, sim, eu queria,
numa explosão de humor e de alegria,
dar força a um clamor que fosse um grito
— um grito de vitória, que ecoasse
pelo incomensurável Infinito;
que vociferasse e clamasse
que Deus é Vida e que a Morte é um mito !
Eu queria, eu desejava,
do fundo da minh'alma de cristão,
ver que a Justiça andava
a garantir a todos o seu pão;
e, sem ódios mesquinhos, nem afrontas,
sem arrogâncias nem palavras tontas;
sem invejas, ganâncias nem sevícias,
o Mundo fosse um Eden das delícias !

E, finalmente, eu queria
fundir, num hino de orquestrais arpejos,
a música dos beijos
e o cântico das aves;
e que os pomares floridos e os rosais
constituíssem festões, formassem naves
como as das catedrais...
onde um ser invisível
erguesse a Eucaristia !

Em conclusão: — eu queria
. . . o Impossível

Carcavelos, 1977

ALBERTO COSTA

SOBRE A VIRGINDADE

CRUZ MALPIQUE

Se a virgindade é, sobretudo, negócio de alma, bem podemos dizer (passe o paradoxo quixotesco) que há prostitutas virgens, e «virgens» prostituídas.

Quem discordar, levante o braço. Levante o braço e prove o contrário.

OS FOGOS NAS FLORESTAS *em* 1977

Abençoada instabilidade meteorológica !

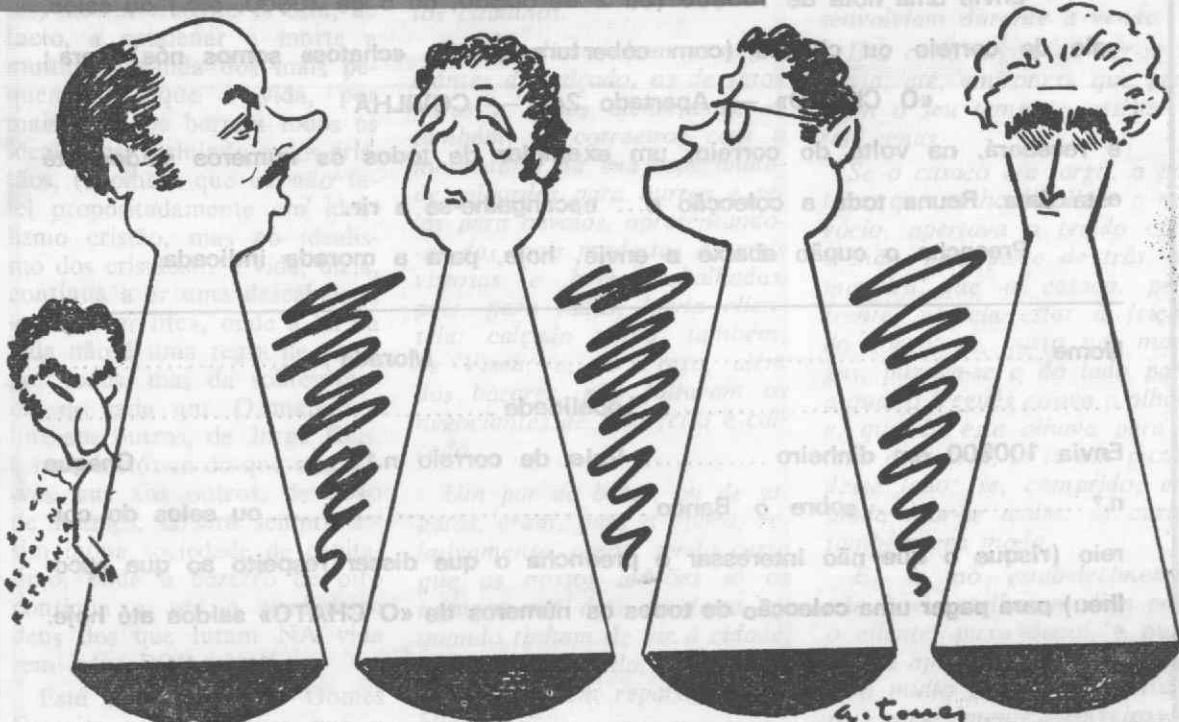
LÚCIO LEMOS

RAZÕES de vária ordem (incluindo as de natureza político-partidária) conduziram durante algum tempo o meu pensamento a que receasse, muito naturalmente, que, quanto aos fogos nas florestas, o Verão de 1977 viesse a ser ainda muito mais dramático e catastrófico do que o Verão dos anos anteriores.

Nos domínios fundamentais duma verdadeira e eficiente protecção contra incêndios nas florestas — detecção, alarme e extinção — (sem jamais esquecer a prevenção e todo um trabalho prévio de perfeita e indispensável coordenação dos esforços e das forças empenhadas nessa protecção) sabia que, lamentavelmente, muito pouco se avançou no nosso País, de 1976 para cá, o que con-

Continua na página 5

TEIMOSOS — SUGESTÃO PARA BRINDES

N. do A. — Não serão cobrados direitos de autor se algum pasteleiro da nossa praça pretender aproveitar estes bonecos para os Bolos-Rei do seu fabrico, mesmo com o risco de muita gente poder ficar engasgada . . . com o brinde errado !

a. torres

SE A PAZ FOSSE SEMPRE BOA A JUSTIÇA TERIA SIDO ETERNA

MÁRIO DA ROCHA

SE a paz fosse sempre boa, a justiça teria sido sempre eterna. OU ANTES, se a paz fosse sempre boa, a injustiça teria sido sempre eterna? Qual destes dois títulos será o mais exacto?

O leitor, depois de ter lido o que hoje escrevo à memória do dia 1 de Janeiro, Dia Mundial da Paz, escolherá aquele que lhe pareça mais exacto.

Mas aquilo que eu quero dizer, desde já, é que há guerras boas, porque necessárias, e há formas de paz que são imorais, porque injustas. Quem será capaz de meter no mesmo saco

Continua na página 3

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que, pela Segunda Secção de Processos do Primeiro Juízo da Comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias, citando os credores incertos dos autores Amadeu Lopes e mulher Célia Marques e dos réus Manuel Marques e mulher Conceição dos Santos Padinha e José dos Santos Marques e mulher Amália Santa Marques, todos agricultores e residentes na Gafanha do Carmo, Ílhavo, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos e contados da segunda publicação deste anúncio, virem àacção especial de arbitramento para divisão de coisa comum com o n.º 158/77, deduzir, querendo, os seus direitos de crédito e que tenham garantia real sobre o imóvel identificado nos autos, a arrematar em hasta pública.

Aveiro, 17 de Dezembro de 1977.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António Miller Soares Ribeiro*

LITORAL - Aveiro, 30/12/77 — N.º 1190

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ-SE SABER que, pela Segunda Secção do Primeiro Juízo da Comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias, citando os réus MANUEL LOPES MARTINS e mulher MARIA DIAS DORES LOPES MARTINS, ele operário e ela doméstica, com última residência conhecida em Azurva, freguesia de Eixo, desta Comarca, para, no prazo de dez dias ,findo o dos éditos e contados da segunda publicação deste anúncio, contestarem a Acção Sumária que lhes move EVANGELISTA DA SILVA RODRIGUES, casado, funcionário público, residente naquele lugar de Azurva, com os fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra arquivado na Secretaria Judicial para lhe ser entregue quando o solicitarem, e cujo pedido consiste na restituição ao autor da importância de setenta e nove mil seiscentos e sessenta escudos, e a serem ainda condenados nas ucstas, procuradoria e o mais que for legal, e como litigantes de má fé — com as consequências definidas nos art.ºs 456 e 457 do Código de Processo Civil — se, porventura vierem a contestar.

Aveiro, 16 de Dezembro de 1977.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António Miller Soares Ribeiro*

LITORAL - Aveiro, 30/12/77 — N.º 1190

Alfredo da Silva & Filhos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para publicação, que, por escritura de 9 de Dezembro de 1977, lavrada de fls. 83 v.º a 86 v.º do livro de escrituras diversas N.º 243-B, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Alfredo da Silva & Filhos, Limitada» e fica com a sua sede, no rés do chão de um prédio urbano sito na Rua Dr. Alberto Souto n.º 151, do lugar do Bonsucesso, freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro.

2.º — A sua duração é por tempo indeterminado e, para todos os efeitos, é contado o seu início a partir do dia 2 de Janeiro de 1978.

3.º — O seu objecto é o exercício do comércio de móveis, louças, electrodomésticos e o de qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar e esteja dentro dos limites da lei.

4.º — O capital social é de 700 mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios, inteiramente realizadas em dinheiro, e que são as seguintes:

a) Alfredo Domingues da Silva, uma quota de 320 mil escudos;

b) Maria de Jesus Poupa da Rocha, uma quota de 200 mil escudos;

c) António Augusto Rocha da Silva uma quota de 60 mil escudos;

d) Maria da Conceição Rocha da Silva uma quota de 60 mil escudos;

e) Simão Rocha da Silva, uma quota de 60 mil escudos.

5.º — A cessão de quotas entre os sócios é livremente permitida, ficando dependente do consentimento dos restantes sócios a cessão feita a estranhos, ficando para aqueles reservado o direito de preferência, na última hipótese.

§ Único — Fica desde já autorizado o sócio Alfredo Domingues da Silva a dividir a sua quota de 320 mil escudos em três, uma de 200 mil escudos, que reserva para si, e duas de 60 mil escudos cada que cederá por igual preço ao seu valor nominal a seus filhos Cidália Maria Rocha da Silva, natural do lugar do Bonsucesso, referido, onde reside, e Lurdes Maria Rocha da Silva, natural do mesmo lugar do Bonsucesso, onde reside, respectivamente, quando entender.

6.º — A sociedade será representada, em juízo e fora dele, por qualquer dos sócios, que ficam sendo gerentes, sem caução, e remunerados ou não conforme for fixado em assembleia geral, mas em todos os actos ou contratos que envolvam responsabilidade para a sociedade ou que a obriguem será sempre necessária a intervenção de dois gerentes e a assinatura de ambos, sendo uma delas, obrigatoriamente, a do sócio Alfredo Domingues da Silva ou de sua esposa Maria de Jesus Poupa da Rocha.

§ 1.º — Em nenhum caso a firma poderá ser usada em fianças, abonações, letras de favor ou mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais.

§ 2.º — Os gerentes poderão delegar, entre si os poderes de gerência e poderão delegá-los a favor de estranhos, mediante procuração, se a sociedade assim o consentir.

7.º — Poderão vir a ser exigíveis prestações suplementares de capital, nos termos em que a assembleia geral assim o deliberar, por maioria de votos correspondente a três quartas partes do capital social; os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos que forem necessários, com vencimento do juro em que acordem e nunca superior ao máximo da lei.

8.º — Por morte ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes poderão ocupar o lugar que ao falecido ou interdito pertencia, com os mesmos direitos e obrigações, se todavia, os herdeiros não quiserem continuar na sociedade, será amortizada a quota do sócio falecido ou interdito, pelo valor do balanço especial que a partir do último balanço aprovado e até ao falecimento ou interdição se fará e no qual todos os valores do activo e passivo, deverão ser actualizados.

§ 1.º — No caso de serem vários os herdeiros ou representantes deverão entre si indicar um deles para efeito da primeira parte do corpo deste artigo.

§ 2.º — No caso de amortização de quotas, a sociedade se não tiver imediatamente disponibilidade para pagar aos herdeiros ou representantes, poderá fazê-lo em quatro prestações semestrais, iguais, vencendo-se a primeira no prazo de 60 dias após o falecimento ou interdição.

9.º — Quando a lei não exigir outras formalidades especiais as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com 15 dias de antecedência, pelo menos.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 17 de Dezembro de 1977.

O AJUDANTE,

a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 30/12/77 — N.º 1190

Se a paz fosse sempre boa a justiça teria sido eterna

Continuação da 1.ª página

a guerra do Vietname juntamente com a guerra portuguesa em Angola, por exemplo? A guerra não se julga pela guerra, mas sim pela causa que a move.

A estas primeiras verdades fundamentais, uma outra fundamental também lhes subjaz: a Humanidade nunca progrediu, nem nunca progredirá (quem nos dera que mentíssemos) sem violência. No progresso humano, não há parto sem dor.

Eu desafio para aqui todos os doutores, sejam eles do templo ou da cátedra, que venham dizer-nos qual o avanço que a Humanidade ganhou na História sem qualquer violência. Até o próprio Cristo, príncipe da Paz, não consumou a sua missão libertadora sem desencadear a própria morte da cruz.

Os tempos não se limpam sem expulsar deles os vendilhões da lei. E para tanto, é inevitável ter de empunhar o azorrague. Por isso, o próprio Cristo não hesitou em ser... violento! E, como se fosse pouco, quis deixar bem claro que a Sua Paz não era nenhuma ordem podre. E esclareceu bem que Ele mesmo, na vida da sua Mensagem, era uma espada interposta entre o sangue comum de dois irmãos... Ele não veio trazer a paz, mas a Guerra!

A paz pode ser também um mito. Mais um. E de facto o é. Ainda há oito dias, aqui mesmo, nas páginas do *Litoral*, Idalécio Cação o confirmava. Quando se fala e não se pensa, os mais revolucionários caem em contradições de que nem sequer são capazes de detectar...

Mais, porém. Não fomos nós, ainda há pouco, conduzidos por uma campanha eleitoral em que um dos slogans favoritos, e de maior audiência, era precisamente uma promessa de segurança, ordem, paz?...

Ora a paz, tal como a liberdade, não são valores em si. Elas só se transformam em valores, enquanto nos facultem que com elas façamos algo que as promovam a verdadeiros valores.

Se se quiser, por exemplo, estrangular ou regulamentar burguesmente a luta de classes, inevitavelmente se está, de facto, a condenar à morte a multidão infinda dos mais pequenos. Porque a vida, por mais alto que berrem todos os idealismos, incluindo o dos cristãos, (e olhem que eu não falei propositadamente em idealismo cristão, mas no idealismo dos cristãos... a vida, dizia, continua a er uma descabelada «struge for life», onde a lei da vida não é uma regra de amor por todos, mas da sobrevivência de cada um. O matai-vos uns aos outros, de Jorge Reis, é mais histórico do que o amai-vos uns aos outros, de João de Patmos. E será sempre assim numa sociedade de capitalimo, onde o bezerro de oiro continua a ser o verdadeiro deus dos que lutam NA vida sem lutar POR viver!...

Está claro que José Gomes Ferreira pode escrever que a gloriosa revolução de Abril se fez sem o sangue dos homens. Certo. Mas não será menos certo que a Revolução de Abril, afinal, mudou algumas coisas para deixar tudo na mesma?

Num mundo de gritantes desigualdades, numa sociedade que se firma na instituição da injustiça; numa cristandade que se bate pela democracia formal, mas que pouco se preocupa com a democracia real; num mundo que ainda não viu que não há democracia se não começar por haver socialismo — num mundo destes, urge gritar que há quem se recuse a matar galinhas, mas sem nunca ter deixado de comer frango assado... Como diria a Sophia!

Há que provocar um exame geral para todos e, particularmente, para aqueles que mais se fazem ouvir na Humanidade. E chegados aqui, que se veja qual é, HOJE, mais verdadeiro:

Tomás de Aquino, ao escrever que a paz é «a tranquilidade na ordem», OU Paulo VI, ao proclamar que, hoje, o nome da Paz é o progresso?

Veja o leitor. E depois de ter visto, observe como falam e procedem todos aqueles que o querem ter como propriedade sua!...

26 de Dezembro de 77

MÁRIO DA ROCHA

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

daquele dia e vinham a Aveiro, não só para passear e divertir-se como, também, para fazer as compras, atendendo à proximidade da Páscoa.

Mas, não era só no dia da abertura que os lavradores das nossas redondezas vinham à feira.

Durante todos os dias do período da feira, principalmente se chovia, e, portanto, não podiam trabalhar nos campos, aí vinham eles fazer as suas compras com maior sossego e à vontade, pois, aos domingos, o movimento era quase igual ao do da abertura, e não se podia ajustar e regatear à vontade o preço do que se pretendia adquirir.

Também, durante aquele período se fazia a feira dos barcos, no canal central, comprando e vendendo os que, para tal efeito, se apresentavam (quer novos, quer usados) e, até, encomendando aos mestres construtores novas unidade a entregar em período, então, estabelecido.

E vinham comerciantes de toda a parte fazer o seu negócio, e muitos dos proprietários dos estabelecimentos locais também montavam a sua barraca na feira, pois que os visitantes tinham, para si, como certo, que na Feira de Março, conseguiam comprar mais barato do que nos estabelecimentos citadinos.

De Penafiel vinham os negociantes de calçado, os de fatos feitos e capas alentejanas, e, também, os correeiros com a mercadoria da sua especialidade; albardas para burros e selas para cavalos, apresentando-as das mais modestas às mais vistosas e bem trabalhadas, pois, para todas, havia clientela; calçado vinha, também, de Viseu; e, do Porto, além dos bazares, não faltavam os negociantes de fato feito e calçado.

Um par de botas, ou de sapatos, eram, para a época, relativamente, caros, sendo certo que os nossos aldeões só os usavam nos dias de festa ou quando tinham de vir à cidade, ou, mesmo, à vila, para tratar de assuntos em repartições públicas.

Nos outros dias andavam descalços, ou, então usavam chancas, tamancos ou socos de atanado, cordovão, vitela ensebada ou, mesmo de calfe, encoirados em madeira de laranjeira (os melhores), loureiro, ou eucalipto, calçado que a mocidade actual usou, o verão passado, como grande moda...

Quero confessar que quando vi os primeiros moços e moças com tal calçado, lembrou-me, pelo barulho que faziam, ao caminhar, dos estanqueiros que, noutro tempo, vinham a Aveiro, buscar o estrume que retiravam das cloacas e destinavam a adubar as suas terras... que davam boas hortaliças.

Sapatos ou botas era luxo de tal categoria que, naquele tempo, se contava que um lavrador, tendo comprado um par de sapatos na feira, os leva ao ombro; ao regressar a casa, na estrada, dá uma topada, fica com o dedo grande ensanguentado e comenta: olha, se eu trazia os meus sapatos novos calçados!...

E as cenas que se passavam nas ruas de fato feito?!

Se o freguês se inclinava para certo artigo, e o preço ajustado lhe agradava, certo e sabido era que, curto ou comprido, acabava por o levar, tal a habilidade que os patrões e caixeiros tinham na arte de impingir o seu artigo, e no palavriado que empregavam e desenvolviam durante a venda.

Era coisa digna de ver-se e havia, até, «mirones» que perdiam o seu tempo a assistir a tais cenas.

Se o casaco era largo, o patrão, que vinha finalizar o negócio, apertava o tecido com a mão, pela parte de trás, de maneira que o casaco, pela frente, parecia estar à feição do corpo; se, curto nas mangas, puxava-se a do lado para a qual o freguês estava a olhar; e, quando este olhava para o lado contrário, lá ia um puxão desse lado; se, comprido, era moda usar-se assim; se curto, também era moda.

E, se no estabelecimento, não havia melhor medida para o cliente, puxa daqui, e puxa dali, e aperta atrás ou à frente, com muito palavriado à mistura, normalmente, caixeiros e patrões das barracas de fato feito lá conseguiam impingir a peça de roupa que o freguês levava convencido que ela lhe vestia bem.

Não eram só as barracas de calçado e fato feito que faziam o seu grande negócio: faziam-no, também, os barraqueiros doutros artigos.

Das barracas de quinquilharias, que chegavam quase que até à ponte, havia-as de alguns negociantes que à Feira de Março vieram até há muito pouco tempo, não faltando nenhum ano: o Machado, com estabelecimento fixo na Figueira da Foz; o Nascimento, com bazar no Porto (um familiar, pelo menos, ainda hoje vem à Feira).

E era certo, também, o Bazar dos Três Vinténs; neste, que ocupava uns poucos de lanços de barracas, e tinha a sua sede no Porto, todos os artigos à venda custavam três vinténs (60 reis, ou seja, na moeda actual, seis centavos) o qual deixou de vir à Feira logo que a vida começou a modificar-se e haver subida dos preços de todos os artigos.

E vinha o oculista Sousa (nesse tempo não havia, em Aveiro, estabelecimentos dessa especialidade) que vendia, além de óculos, termómetros, lupas, etc.; e vinha, também, o Silva 5, de Guimarães, com as cutelarias de seu fabrico, das mais afamadas — e ele lá estava para garantir a sua qualidade.

Também se vendiam mobílias, tanto de ferro como de madeira.

De ferro, a grande venda era a das camas, desde as mais simples às mais ornamentadas, havendo algumas com a coroa real, em dourado, sendo a cama pintada de branco.

E os colchões eram de riscado próprio cheios com palha de trigo e folhelho de milho, os melhores.

Mas... este já vai longo, pelo que, continuaremos noutro artigo.

J. Evangelista de Campos

ESTRADA-DIQUE AVEIRO-MURTOSA

Continuação da 1.ª página

trito, tornando viável a indispensável comunicabilidade das relações humanas e sócio-culturais entre o campo e a cidade;

1.3. Reduzir os custos de transporte e assim incentivar o escoamento e comercialização dos produtos agrícolas num concelho onde, em muitos casos e tal como em tantas regiões do País, predomina a exploração agrícola familiar ainda demasiado enquadrada numa economia de autoconsumo;

1.4. levar a cabo um atraente e valioso circuito turístico (Aveiro-Murtosa-S. Jacinto-Torreira-Furadouro-Ovar-Estarreja-Aveiro) a fim de aproveitar não só os enormes recursos naturais turísticos regionais como accionar o desenvolvimento do turismo rural;

1.5. atenuar substancialmente os riscos que constitui o transporte em camiões-cisterna entre Aveiro e o complexo industrial do Amoníaco Português, localizado em Arrotinha-Estarreja, de produtos inflamáveis e/ou tóxicos nas povoações atravessadas por uma estrada com mau pavimento e agravada por uma densidade de tráfego que em muitos períodos do dia se apresenta saturado.

2. Possibilitaria acrescer a produção e modernizar a agricultura, porquanto:

2.1. evitava não só a inundação das águas salgadas e a consequente salinização dos terrenos tornando-os improdutivos, como possibilitava o aproveitamento de cerca de 10 040 hectares de solos com boa aptidão agropecuária, numa das regiões maiores produtoras de carne e leite, numa altura em que o País tudo terá que fazer para diminuir a importação de bens alimentares, que poderemos produzir, para o que teremos de saber aproveitar e nunca desperdiçar aquilo que temos, como este solos com inegável aptidão agrícola e estes homens do campo, que ao longo do tempo têm dado, como ninguém, inultrapassáveis provas de capacidade de trabalho e de receptividade às inovações;

2.2. permitia o melhor aproveitamento de toda uma região que dispõe de condições excepcionais para a exploração agropecuária e de excelentes aptidões turísticas, recursos naturais que apontam para o desejável incremento do binómio agricultura — turismo rural, na medida em que facultam novas oportunidades, tão necessárias, ao desenvolvimento regional, contrariando a ancestral emigração e tentando atrair a juventude à vida do campo, rejuvenescendo a envelhecida população activa agrícola e piscatória da região marinhoa.

Em face das razões aduzidas, requeiro que, através do Governo, e designadamente do Ministério das Obras Públicas, segundo as disposições aplicáveis, me sejam facultados os seguintes esclarecimentos e informações:

a) Em que fase se encontra o projecto de construção da estrada-dique Aveiro-Murtosa?

b) Qual a estimativa do custo do empreendimento?

c) Qual o parecer da Junta Autónoma das Estradas e da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos quanto à viabilidade e utilidade do empreendimento?

d) Embora tendo em conta a difícil situação económico-financeira do País, que motivos ponderosos têm concorrido para o sucessivo adiar de uma obra que tanto concorrerá para o reequilibrar da balança de pagamentos, atribuindo, como haverá de ser, papel prioritário e decisivo ao relançar da produção do sector primário?

e) O que pensa o Ministério das Obras Públicas quanto à necessidade e possibilidade de concretizar este empreendimento e a que prazo, dado tratar-se de uma zona que poderá constituir o núcleo agropecuário de maior produtividade do País?

f) Para além da construção da estrada-dique Aveiro-Murtosa, como actuará na prática o Governo quanto à realização de pequenas obras no baixo Vouga lagunar, que técnicos regionais comprovam realizáveis no período de um ano e que recuperariam 2 000 hectares de terreno já improdutivos pela salinização e cujo encabeçamento regional é de 2CN//ha?

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	AVENIDA
Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
Segunda	NETO
Terça	MOURA
Quarta	CENTRAL
Quinta	MODERNA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

MOVIMENTO DO PORTO DE AVEIRO

Entrou a barra de Aveiro, indo ancorar ao sector portuário respectivo, na Gafanha da Nazaré, o arrastão bacalhoeiro «Santo André», desta praça, que regressa dos pesqueiros com cerca de 4 500 quintais de bacalhau salgado e 150 toneladas de peixe congelado — o que equivale a pouco mais de um terço da sua capacidade.

Entraram também, em lastro, os navios dinamarqueses «Karen Danico» e «Annete Dania», o primeiro para carregar pasta de papel e o segundo para levar para Antuérpia um carregamento de adubo.

JARDIM-INFANTIL DA VERA-CRUZ

Quase concluídas as respectivas obras de restauro, ampliação e adaptação, o edifício do Jardim Infantil da Vera Cruz, profundamente remodelado e melhorado, quer no aspecto, quer do ponto de vista funcional, deve recomeçar a funcionar já antes do fim de Janeiro próximo.

O edifício, adquirido há alguns anos pela Municipalidade, foi por esta depois cedido para o Jardim-Escola, que agora passa ali a dispor das convenientes condições para a finalidade a que se destina e para comportar a crescente frequência de crianças.

SOCIEDADE RECREIO ARTÍSTICO

Para apreciação e votação do relatório e contas da Direcção que finda o seu mandato e realização de eleições de novos corpos gerentes, efectua-se hoje, 30, uma assembleia geral da Secção de Pesca da Sociedade Recreio Artístico.

VISITA DE ESTUDO DE AGRICULTORES A PARIS

A União de Cooperativas de Produtores de Leite de Entre Douro e Minho («Lacticop»), com o objectivo de promover a valorização dos membros das mesmas cooperativas, técnicos agrícolas e agricultores em geral, com contacto directo com as novas realidades do sector agro-pecuário, está a organizar uma visita de estudo à exposição internacional de Paris, que decorrerá de 4 a 9 de Março próximo.

Aproveitando a estadia em Paris, está prevista uma visita à S.P.O.E.X.A. (Societé pour l'expansion des reentes des produits alimentaires), a fim de se contactar com essa importante organização e dela receber úteis conselhos técnicos.

As inscrições para esta digressão de estudo — que importará em 7 550$00 — devem ser confirmadas por escrito até 10 de Janeiro.

CORTEJOS DE PASTORINHAS

● No passado domingo, na povoação do Paço, deste concelho, realizou-se um cortejo de «pastorinhas» a favor da capela da invocação de Nossa Senhora da Memória.

● Para o próximo domingo estão previstos desfiles idênticos em Mataduços e Alumieira, com produto destinado à construção da nova capela de Nossa Senhora da Alumieira; e na Póvoa, a favor da capela de Nossa Senhora, Mãe da Igreja. Nesta última localidade, efectuar-se-á, à noite, o costumado «baile das pastorinhas», com a participação do conjunto «Monte Carlo», desta cidade.

● Por sua vez, na sede da freguesia de Cacia, organizar-se-á o tradicional «cortejo de pastorinhas» desta quadra, cujo produto reverterá em benefício das obras da igreja paroquial. Em complemento do desfile, será representado um «Auto dos Reis Magos».

PASSAGEM DO ANO NA PARÓQUIA DA GLÓRIA

Promovido pela Equipa de Jovens da Paróquia da Glória, desta cidade, e na intenção de estimular «uma convivência sã, no amor e na amizade que deve reinar entre todos os homens do mundo e, em especial, na nossa paróquia», vai realizar-se um grande encontro-convívio, em 31 de Dezembro, com início pelas 21.30 horas, com música e algumas surpresas, no amplo refeitório das Fábricas Jerónimo Pereira Campos & Filhos.

No dia 1, pelas 18 horas, assinalando o «Dia Mundial da Paz», o Prelado da Diocese, sr. Dr. Manuel de Almeida Trindade, concelebrará, na Sé, com os sacerdotes disponíveis a essa hora.

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA DE EIROL

Tornando-se premente a reparação da igreja paroquial de Eirol, deste concelho, foi eleita, com esse encargo, uma comissão fabriqueira, que ficou constituída pelos srs. Manuel Lopes dos Reis, Manuel Alberto Lopes de Oliveira, César Dias Póvoa, Fernando Santos e Joaquim Gomes Branquinho — os dois últimos em representação do lugar de Carcavelos.

HUGO DOS SANTOS EM AVEIRO

Em visita particular, esteve nesta cidade, no passado dia 27, o Brigadeiro Hugo dos Santos, Comandante da Região Militar do Centro.

Depois de uma breve passagem pelo Batalhão de Infantaria de Aveiro, o Brigadeiro Hugo dos Santos almoçaria num dos hoteis da cidade com o actual Comandante da B.I.A. Tenente-Coronel Aires Oliveira, e com o Coronel Alves Moreira, antigo Comandante daquela unidade.

ACIDENTE

Mais de dois mil contos de prejuízo e a perda total de 15 000 litros de lixívia, foi o resultado do embate entre um autotanque e um veículo pesado, ocorrido na madrugada do dia 27, na E.N. 16, em Cacia. Apesar da espectacularidade do acidente, apenas o condutor do autotanque sofreria ferimentos muito ligeiros.

Os prejuízos são elevadíssimos. No autotanque ascendem a cerca de 1 500 contos, para além da perda total da lixívia, destinada a Lisboa e carregada horas antes na «Uniteca», em Estarreja e não se encontram cobertos pelo seguro.

Tomou conta da ocorrência a G.N.R. do posto de Cacia que, durante algumas horas, teve que orientar o trânsito naquela zona.

CICLOMOTORISTA GRAVEMENTE COLHIDO POR UM COMBOIO

Na noite de 24 para 25, o enfermeiro António Domingues Melo, de 49 anos, quando regressava a casa, numa ciclomotoreta, na passagem de nível da estrada que liga Estarreja a Pardilhó, foi colhido por um comboio que seguia de Aveiro para o Porto, ficando gravemente ferido.

Provavelmente distraído, o infeliz ciclomotorista não notou que a passagem de nível se encontrada fechada senão já muito próximo dela. Fazendo uma travagem súbita, derrapou e galgou a vedação indo cair na via férrea, no momento preciso em que passava o comboio, que já não deu tempo de se furtar inteiramente a ser colhido.

Foi conduzido ao Hospital Distrital desta cidade na ambulância dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, ficando internado naquele estabelecimento hospitalar, com diversos ferimentos, entre os quais fracturas nos braços e nas pernas.

ASSALTO A UMA RESIDÊNCIA

Em pleno dia, os larápios, utilizando chave falsa, entraram na residência da sr.ª D. Cândida da Conceição Mendes Gonçalves, nesta cidade, tendo furtado 2 000$00 em moeda nacional, 340 dólares americanos e 600 francos franceses, o que perfaz um total de cerca de 21 contos.

O assalto foi participado no Comando da P.S.P.

DESASTRE MORTAL NA CAÇA

Em estado de coma deu entrada no Hospital Distrital desta cidade, onde pouco depois faleceu, João Augusto dos Santos, de 52 anos, comerciante, residente na povoação de Covões, do concelho de Cantanhede.

O infeliz comerciante andava à caça, com amigos. Levava a espingarda ao ombro, mas, de súbito e sem causa normal, a arma disparou-se, perfurando o disparo um dos cartuchos que o caçador trazia no cinto. A deflagração deste atingi-lo-ia em alguns órgãos vitais, mencionadamente nos intestinos, no fígado e no baço, perfurando-lhos em vários pontos e causando-lhe, assim, a morte.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 30 — às 21.15 horas — UMA RAPARIGA DA PROVÍNCIA — Para todos.

Sábado, 31 — às 15.30 horas — MATINÉE.

Domingo, 1 — às 15.30 e 21.15 horas — A CIDADE DOS ANJOS — Não aconselhável a menores de 18 anos.

AGRADECIMENTO

Germano da Silva Brilhante

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a quantos, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto.

AGRADECIMENTO

Maria do Carmo Vieira

Seu marido, filha e genro, vêm por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de qualquer forma, lhes manifestaram o seu pesar pelo falecimento da familiar querida.

VENDE-SE TERRENO

Zona industrial de 5 600 m2 aproximadamente, e construção autorizada para indústria, nas Agras do Norte (Mina).

Trata: Maria Luisa Moreira, Rua das Marinhas, 41, Aveiro — Telefones 22221 e 22015.

FUTEBOL CLUBE DO BOM-SUCESSO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Ao abrigo do parágrafo 1.º do art.º 16.º dos Estatutos, convoco todos os sócios do *Futebol Clube do Bom-Sucesso*, no pleno gozo dos seus direitos, a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no dia 20 de Janeiro de 1978, pelas 20 horas, no *Restaurante «Casa Abílio Marques»*, no Bom-Sucesso, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

a) — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas de 1977;

b) — Eleição dos Corpos Gerentes para 1978.

De acordo com o Art.º 22.º, haverá antes da ordem de trabalhos, um período de 30 minutos para tratar quaisquer assuntos de interesse para o Clube.

Não havendo maioria absoluta de sócios à hora marcada, a Assembleia funcionará 1 hora depois com qualquer número.

Bom-Sucesso, 27 de Dezembro de 1977.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

a) *Duarte da Rocha*

(Continuações da última página)

Relatório da D. G. D.

Ao longo de todo o ano de 1977, foram solicitadas a esta Delegação as pretensões mais diversas, algumas até bizarras, desde a licença para abertura dum pavilhão de matraquilhos até complexos desportivos orçamentados em perto da dezena de milhar de contos, que contemplariam populações com menos de mil habitantes.

Na maioria dos casos, a par da resposta negativa que foi dada, sempre tentei esclarecer qual a verdadeira função e capacidade de acção duma Delegação Regional da Direcção-Geral dos Desportos. E, se algumas vezes fui bem sucedido, não há dúvida que pressinto que, em muito maior número de casos, as pessoas não foram demovidas dos seus objectivos e não ficaram sensibilizadas para pretensões mais modestas, compatíveis com as realidades actuais do País.

Em meu entender, pois, uma Delegação Regional da Direcção-Geral dos Despostos, como órgão coordenador, necessita possuir um banco de dados que permita enfrentar diversas situações com eficiência e realismo.

E foi nesta perspectiva que, em 1977, a Delegação da Direcção dos Desportos em Aveiro programou e efectuou um trabalho de pesquisas que contemplou vários sectores.

1) **Análise de subsídios atribuídos em 1975 e 1976**

a) — Sua aplicabilidade; b) — Razões da não aplicabilidade; c) — Propostas de reconversão.

2) **Levantamento do mapa de recintos desportivos do Distrito**

a) — Sua caracterização; b) — Razões de inoperacionalidade; c) — Tentativa de conclusão dos recintos onde já se investira verbas, mas insuficientes; d) — Análise de localização de futuras instalações desportivas que permita uma malha regular e simétrica; e) — Planificação das obras a executar prioritariamente em 1977 e 1978, em acção conjunta com as autarquias locais, colectividades ou outras entidades; f) — Abordagem do planeamento a médio prazo de instalações exigindo verbas vultuosas.

3) **Levantamento das manchas desportivas do Distrito por modalidades**

a) — Definição de modalidades prioritárias distritais; b) — Consolidação das estruturas já adquiridas; c) — Reestruturação em termos de operacionalidade; d) — Futura expansão e sua estratégia.

ANDEBOL DE SETE

véspera...) por elementos do S. Bernardo e do Beira-Mar — sofreram pesado desaire, autêntica goleada, apesar do brio com que sempre procuraram dar réplica, sem se preocuparem com o desnível dos números.

Deverá, mesmo, relevar-se o magnífico espírito desportivo evidenciado pelos andebolistas locais, escolhidos e orientados por Alfredo Vaz Pinto (coadjuvado por Helder Carvalho), cuja missão, com toda a certeza, poderia ter sido menos ingrata se contasse com o concurso de Januário, Heber e Alex, que não estiveram presentes por se encontrarem lesionados.

Em apontamento final, registe-se que os aveirenses (Helder e Mário Garcia) desaproveitaram as grandes penalidades assinaladas a favor da sua turma, dando aso a defesas de Vasilache, enquanto Chicomban (quatro) a Buca fizeram golos dos penalties favoráveis aos romenos. Em remates contra a madeira das balizas, tivemos nove dos locais (Patarrana, três; Ulisses e Élio, dois cada; Helder e David) e cinco dos visitantes (Chicomban, dois; Buca, Mintici e Nedici).

Arbitragem sem problemas, em bom nível.

Natação

sas marcas pessoais e pelo facto de terem sido batidos mais sete «records» aveirenses, que foram os seguintes:

200 metros-livres

Pedro Laffont Silva (Sp. Aveiro), com 2 m. 28,6 s. (anterior tempo: 2 m. 44,90) estabeleceu novos *records* de seniores e absoluto.

100 metros-costas

Paulo Pintassilgo (Sp. Aveiro), com 1 m. 19,80 (anterior tempo: 1 m. 25,50) estabeleceu novo *record* de juniores.

200 metros-bruços

Francisco Gamelas (Galitos), com 3 m. 08,70, estabeleceu um *record* em piscina de 25 metros (anteriormente não existia).

200 metros-costas

Paulo Pintassilgo (Sp. Aveiro), com 2 m. 55 s. (anterior tempo: 3 m. 0,2) bateu o *record* de juniores.

400 metros-livres

Paulo Pintassilgo (Sp. Aveiro), com 5 m. 37,30 s. (anterior tempo: 5 m. 48,60) bateu o *record* de juniores.

100 metros-livres femininos

Margarida Sousa (Sp. Aveiro), com 1 m. 23,50 s. (anterior tempo: 1 m. 26,90) bateu o *record* de infantis.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 19 DO «TOTOBOLA»

8 de Janeiro de 1978

Jogo	Prognóstico
1 — Paredes - Gil Vicente	1
2 — Marítimo - Montijo	1
3 — Régua - U. Leiria	1
4 — Amora - Boavista	2
5 — Benfica - Belenenses	1
6 — Aves - Porto	2
7 — Vianense - Portimonense	X
8 — Almada - Sintrense	1
9 — Benavente - Varzim	2
10 — Famalicão - Setúbal	X
11 — Bétis - Valência	X
12 — Hércules - Real Madrid	2
13 — Salamanca - Sevilha	1

OS FOGOS NAS FLORESTAS EM 1977

Continuação da 1.ª página

sidero de certo modo grave por não ignorar, que, antes de 1976, o que se havia realizado de positivo, a nível nacional, nos referidos domínios, era pouco expressivo face às grandes exigências que são requeridas pelo combate ao fogo nas florestas.

Os generosos Bombeiros (e dentre estes os maioritários Voluntários) que, desde sempre, talvez por serem mais constantemente solicitados (e sacrificados) têm vindo a pugnar pela optimização das condições de protecção das nossas florestas poucos resultados de sinal mais têm obtido na luta e nas iniciativas que, em todas as frentes e sectores, têm desencadeado com a rara persistência que os caracteriza.

Felizmente que, graças à instabilidade meteorológica que se verificou no nosso País, o chamado «período mais crítico dos fogos nas matas» que se estende de Maio a Setembro, foi este ano um período de relativo sossego.

Os casos mais graves verificaram-se, se não estou em erro, na ilha da Madeira e numa ou outra zona da área continental, particularmente Castelo de Paiva.

Por isso, é caso para dizer quanto a 1977: abençoada instabilidade meteorológica!

Os Bombeiros e todas as restantes forças que, habitualmente, são chamadas e jamais se têm recusado a lutar e a combater tão poderoso e subtil inimigo não podem deixar de estar agradecidos a essa instabilidade.

Ao reconhecimento por parte dessas forças se associa, com toda a certeza, a população portuguesa, a qual, devido às condições meteorológicas, sabe que o País ficou menos depauperado do que nos anos anteriores de um património tão rico, como é o património florestal.

Se não puder vir a ser melhor, que, ao menos o Verão de 1978, não se afaste muito, nos aspectos a que me tenho vindo a referir, do Verão de 1977.

Já não era nada mau. Quer para as forças que combatem os fogos nas florestas, quer para as populações e para uma economia nacional que, no dia a dia que passa, vai ficando cada vez mais anémica por motivos sobejamente conhecidos de todos os portugueses.

LÚCIO LEMOS

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

São notificados os INCERTOS e os requeridos MANUEL RODRIGUES DE SOUSA e mulher MARIA DE SOUSA, estes com última residência conhecida na estrada de S. Bernardo, em Vilar — Aveiro e agora ausentes em parte incerta do Brasil para comparecerem neste Tribunal no dia 2 do próximo mês de Março, às 11 horas, a fim de se proceder à licitação a que se refere o art.º 1460.º, n.º 1, do Cód. Proc. Civil, a qual havia sido designada para o pretérito dia 14 de Dezembro do ano corrente, nos autos de acção especial — preferência —, em que são requerentes João da Silva Simões e mulher Maria Edoarda Lopes Marques, agricultores, residentes na Estrada de S. Bernardo, Vilar — Aveiro; e requeridos os acima indicados e outros, cujo duplicado da petição inicial se encontra patente nesta secretaria para lhes ser entregue quando solicitado.

Aveiro, 14 de Dezembro de 1977.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *Abel Vieira Neves*

LITORAL - Aveiro, 30/12/77 — N.º 1190

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

94/A/76 — 1.ª Secção

1.ª Publicação

No dia 26 do mês de Janeiro, às 11 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de execução de sentença que o exequente Manuel Ferreira da Fonseca, casado, industrial, residente na Rua do Carmo, 8, em Aveiro, move contra os executados Jacinto da Silva Dias e mulher Lilia Martins Sequeira Silva Dias, ele desenhador e ela doméstica, residentes na Rua Dr. Mário Sacramento, 12, 7.º, A, Aveiro, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado para pagamento das custas em dívida naquela execução, no montante de quatro mil seiscentos e cinquenta e quatro escudos, o direito e acção à herança ilíquida e indivisa deixada por óbito de António Martins da Silva, que foi residente nesta cidade, da qual a executada é filha única, sendo meeira a viúva do falecido, Maria Augusta Dias Sequeira, residente com os executados, e que se compõe dos seguintes bens imóveis:

1.º — Casa de habitação com 1.º andar e rés do chão, com logradouro, sita na Av. Aveiro;

2.º — Casa de habitação com 1.º andar e rés do chão com logradouro, sita na Rua Eça de Queirós, 35-37, em Aveiro; e

3.º — Casa de habitação com 1.º andar, rés do chão, logradouro e garagem, sita na Av. Fernando Lavrador — Vivenda Lilia —, a confrontar do norte com António Pereira da Silva e do poente com Francisco da Rocha Bastos.

Aveiro, 17 de Dezembro de 1977.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *Abel Vieira Neves*

LITORAL - Aveiro, 30/12/77 — N.º 1190

Continuação da última página

Horácio Velha, ídolo do boxe nos anos 30

miúdos da minha idade não tinha respeito nenhum.

— Então, volta e meia andava à pancada...

— Não era volta e meia, era sempre! E até me lembro, a propósito disto, que tinha uma explicação na D. Vitória, uma professora muito conhecida em Ílhavo, a qual, quando tinha de abandonar por momentos a sala, deixava-me encarregado de tomar conta dos outros explicandos. Porque sabia que se não me desse aquele posto, eu, sem a responsabilidade que normalmente me era dada, me envolvia em pancadaria com alguém... E eu não era alto mas provava o rigor daquele provérbio que diz que os homens não se medem aos palmos.

Andei no liceu três anos para tirar o primeiro ano e parte do segundo», revelou, de seguida o nosso interlocutor, falando sem rebuço, como homem franco e aberto que é. E explicou, depois, que o motivo do seu fracasso nos estudos se deveu, fundamentalmente, a um gosto indomável pela brincadeira: «Eu ia de Ílhavo até Aveiro, quer chovesse ou fizesse sol, a pé, de Inverno, com chancas pesadas: o trajecto era longo, uns cinco quilómetros. Um convite à gazeta. Com os companheiros de viagem entretinha-me nas mais diversas coisas. Íamos aos pássaros, brincávamos, em liberdade, nos campos que ligavam a vila à cidade. Claro que nem sempre sobrava tempo para ir às aulas e os chumbos eram inevitáveis».

Mas Horácio Velha tinha já um rumo traçado para a sua vida. Que não era a carreira de pugilista, na qual nunca tinha sequer pensado. Mas de homem do mar, exactamente como a de seu pai e da grande maioria dos homens da «vila marujá». A mãe, contudo, não queria que Horácio seguisse a vida de embarcadiço. Por isso, usou de um estratagema: arranjou processo de pôr o filho a bordo de um bacalhoeiro que descarregava no porto de Aveiro, na esperança de que ele desistisse daquele sonho de viagens, quando posto perante o duro trabalho de estiva, acumulado, ainda, com o de criado de bordo.

— Eu, quanto mais estava a bordo, mesmo com o barco atracado, mais gostava das coisas do mar, do ambiente e do próprio cheiro do navio. Era um fascínio. Tinha, então, 13 anos. Mas quando se aproximou a altura de largar para os bancos da Terra Nova e da Gronelândia, a minha mãe viu que eu não desistia e mudou de atitude.

Horácio Velha prosseguiu a narrativa:

«Levou-me, então, para Vila do Conde, onde me arranjou lugar ao balcão de uma casa de fazendas. Fui ao engano, mas como já tinha a noção da responsabilidade da vida, fiquei, embora um pouco revoltado. Lembro-me que na altura da separação, disse à minha mãe: «Quando tiver oportunidade de ir roubar dinheiro à caixa, roubo mesmo e vou-me embora para Ílhavo.» Mas eram só palavras, eu seria incapaz de tocar em qualquer coisa que não fosse minha.

«Depois de estar a trabalhar, comecei a gostar de ser marçano, e fui, mais tarde, cerca de oito meses volvidos, para o Porto, trabalhar noutra casa de fazendas, a Casa Europa, de Gabriel de Oliveira, na Praça dos Leões, onde permaneci até aos meus 20 anos.»

Foi no Porto que Horácio Velha se encontrou com a «nobre arte» e com outras modalidades desportivas. Começou, não pelo boxe, mas, curiosamente, pela prática do basquetebol. «E jogava-o com tamanho vigor, por vezes com tal violência, que um companheiro, um dia, comentou: «Tu devias deixar o básquete e dedicar-te ao boxe; parece que te vai mais ao jeito». E eu pensei: «Se calhar é isso mesmo...» Havia um salão de boxe no Fluvial, e eu para lá fui aprender, lá dei os primeiros socos à vontade.

«Eu tinha, então, uns 17 anos. No Fluvial não se fazia um trabalho em profundidade, e como o F. C. do Porto tinha um salão de boxe, fui para aquele clube, onde tive como professor o Ferreira Júnior. Mais tarde, o Albano Campos abriu uma escola na casa dêle, que eu frequentei, e onde aprendi mais qualquer coisa.»

Estreia com vitória

Teve o pugilista, entretanto, oportunidade de fazer alguns combates como amador. Até que, um tanto artificiosamente, veio a fazer, em Espanha, o seu primeiro combate a nível de profissional.

Antes de darmos a palavra a Horácio Velha, salientamos, ainda, o facto de à época o boxe ter as preferências dos espectadores desportivos nacionais, quando o futebol ainda reunia quase mais jogadores que gente em volta dos campos. Brilhavam, então, no firmamento do pugilismo português, «boxeurs» como José Santa («Camarão»), Aníbal Fernandes, José Crespo e tantos outros. Onde havia combates registava-se larga afluência de público, cioso de ver os seus ídolos.

Nascia, para o boxe, um campeão: Horácio Velha. Do seu primeiro jogo, efectivamente como falso profissional, falou-se nestes termos:

— Havia em Vigo, na Espanha, uma reunião em que a semifinal era disputada por dois espanhóis do meu peso. Um deles, à última hora, ficou doente. Telefonaram a Oliveira Valença a pedir que arranjasse um substituto. Ele falou-me, perguntou-me se eu queria ir. Lembrei-lhe que era amador e que até os melhores amadores espanhóis eram superiores à generalidade dos profissionais portugueses. Ele falou-me, então, nas pesetas que eu podia ir ganhar. Era um dinheirão, nunca tinha ouvido falar em tal verba como podendo ser minha. Era o que hoje corresponderia, para mim, a 200 ou 300 contos. Um dinheirão. Lá fui, com um nome que não era o meu, para disfarçar.

«Fui e ganhei o combate. Fiquei convencido que era já um campeão. Eu tinha lá ido para ganhar dinheiro, só com esse intuito, ganhei e fiquei com a vaidade própria de quem faz a sua primeira proeza. Como a criança que pensa que já é um homem apenas porque fumou o primeiro cigarro. Só que, passados três meses, o Oliveira Valença convidou-me para ir de novo a Espanha, à desforra com o mesmo sujeito. Nessa altura já ia com o meu nome e a ganhar ainda mais dinheiro. Lá fui. Mas como julgava que era invencível, antes do combate dei-me ao luxo de comer o que me apetecia, esquecendo-me da responsabilidade do que ia fazer. Lembro-me, porque tudo isto foi uma grande lição para a minha vida, que comi, então, lagosta pela primeira vez. Enchi-me de lagosta, eram lagostas por todos os lados. Fui para o combate regalado e sem treinos nenhuns. Resultado, levei uma carga de pancada. Aguentei até ao último segundo do combate, mas depois andei oito dias que não me podia mexer. Daí para diante, jogasse contra quem jogasse, mesmo que soubesse que tinha possibilidade de vencer ao primeiro «round» sempre treinei com o mesmo afinco.»

Nos Estados Unidos

Pouco tempo volvido sobre este exemplar momento da sua vida, Horácio Velha, fascinado pelo que em Portugal se dizia do boxe nos Estados Unidos, onde se publicitava a existência de combates todos os dias, e mesmo vários, no mesmo dia e na mesma cidade, emigrou. Pensava — contou-nos — que mal chegasse arranjava rapidamente um combate, ganharia dinheiro, arrecadaria fama.

— Fui para casa de um rapaz meu conhecido de Ílhavo, que não sabia nada de boxe nem conhecia ninguém daquele meio. E afinal, conseguir combater nos Estados Unidos era mais difícil do que em Portugal.

Algum tempo decorreu sem que o português tivesse quem lhe solicitasse a presença num ringue. Quando já desanimava da aventura surgiu, inesperado, o «milagre»:

— Uma vez, estava eu a dormir, seria mais de uma hora da manhã, bateram à porta. Fui abrir, e vi, diante de mim, um sujeito com as duas orelhas todas encaracoladas, nariz chato, e logo me apercebi de que era um «boxeur». Disse-me que era português e que era promotor de boxe em Massachusetts. Perguntou-me se queria ir com ele. Claro, aceitei imediatamente.

Entrava, o ilhavense, no capítulo da sua vida que lhe marcou o trajecto para a fama. A palavra a Horácio Velha:

— Chegámos a Massachusetts e eu assinei os papéis todos que ele quis. Eu assinava tudo para jogar o boxe. Fiz, assim, um contrato todo contra mim, claro. Estive três anos com o mesmo «manager». Sob a alçada dele, só poderia combater com os adversários que mais lhe convinham. Eram pugilistas de média craveira. Só um dia consegui combater numa série de uma semifinal do campeonato do mundo, em que lutavam o campeão da Nova Inglaterra com um tal John Dundee, segundo me recordo. Este combate foi importante na minha carreira, pois foi depois dele que me desliguei do meu primeiro promotor nos Estados Unidos. Ele pagou-me muito pouco, eu desconfiei, fui à associação de boxe e lá informaram-me de que era impossível corresponder à verdade a verba que o «manager» dizia caber-me por tal combate. E libertei-me dele.

Nova etapa:

«Tive, depois, um «manager» muito bom, que se chamava Louis Viscussi. E foi sob a sua alçada que fiz os melhores combates da minha vida. Combati, nomeadamente, com o então campeão do mundo da minha categoria, Lou Brouillard, e outros de grande prestígio, como Charlie Taylor, Willie, Lefty Wright, Watter Petter, campeão da Alemanha, Kid Sullivan, Nadeau, Jimmy Abbruzi, Patsy Reno e Tonny Aquaro. Posso recordar ainda que combati na Califórnia com Eddy Bucker, que pouco tempo antes tinha posto «K. O.» o Archie Moore».

Êxito no Brasil

/.../ Deixámos esta inofensiva superstição de um homem que se diz não supersticioso, e voltámos à história da sua carreira desportiva. Segundo o seu parecer, atingiu o auge da forma no período entre os 25 e os 28 anos. Até então, além dos combates a que já aludimos, fez uma «tournée» pelo Brasil e esteve, também, em Portugal, onde efectuou alguns combates. No Brasil, defrontou, perante assistências entusiásticas constituídas em grande parte por emigrantes portugueses, nomes consagrados daquele tempo: Valdemar Januário, Vítor Manine, Gauchito e Tobias Viana, que venceu com facilidade. Contou, a propósito:

— Além desses combati ainda com Ruben Soares. Deram-me a decisão no ringue, mas foram depois aos vestiários para eu voltar ao tablado, pois, diziam tinha havido engano quanto à vitória que me tinham atribuído. Claro, neguei-me. Só que o público apercebeu-se do que se passava, e de tal forma tinha sido evidente o meu triunfo, que quiseram pôr fogo ao estádio. Um verdadeiro pandemónio. Aliás, eu tornei-me muito popular no Brasil, e aconteciam, ali, coisas que inclusivamente me deixavam sensibilizado e me fazem recordar todo aquele povo e aquele país com saudade: eu ia ao barbeiro, o homem não me queria dinheiro; andava num táxi, não me deixava, o «chaufeur», pagar; nos restaurantes, quando me reconheciam, ofereciam-me a refeição. E eu nem gostava disto, pois sempre fui um homem modesto.

Vício vencido

Mas Horácio Velha, roído de saudades da sua terra, não pensava senão em vir a Portugal. Havia, contudo, um problema: É que o pugilista tinha, desde os seus primeiros anos de permanência nos Estados Unidos, um vício ruinoso: o jogo. Tudo quanto ganhava, tudo deixava nas mãos de quem lhe sabia explorar, nem com cartas na mão, a fraqueza. A sorte, no entanto, nunca abandonou definitivamente o ilhavense. E houve, ainda no Brasil, quem o quisesse ajudar.

Com Horácio encontraram-se, naquele país, dois outros pugilistas de renome, Santa Camarão e Pinto de Sá, o primeiro natural de Ovar e o segundo luso-americano. Eles conheciam o vício do «homem de aço» e apressaram-se a comunicar com o seu «manager» no sentido de este não dar todo o dinheiro correspondente aos combates, ao companheiro Horário. Que não gostou do «favor», e chegou a ameaçar, exaltado, quem lhe guardava o pecúlio, afinal para seu bem. Mas o «manager», de nome Pereira, não cedeu, pois sabia, por intermédio dos amigos comuns, do interesse do já então famoso pugilista em visitar a mãe e o seu país. Tal atitude, mais tarde reconhecida e agradecida pelo pugilista, permitiu que à entrada do navio que o trouxe a Portugal guardasse consigo grossa maquia. Mas o vício do jogo não o abandonara, e na viagem tudo gastou. Chegou, portanto, à vila vizinha de Aveiro «sem cheta».

— Sem cheta, pois então — relembrou Horácio Velha —, e com um grande desgosto dentro de mim. É que não pude dar um presente a minha mãe nem obsequiar, sequer com um copo, os amigos. E eles rodeavam-me de simpatia. Decidi, então, procurar de imediato o meu antigo «manager» e amigo Oliveira Valença, a fim de ele me arranjar, com toda a urgência, um combate no Porto. E eu tinha pensado vir a Portugal só visitar a minha mãe e os amigos... O Valença é que ficou contente, porque eu tinha aqui muito nome e onde eu combatesse era casa cheia de certeza. Eu estava no auge da carreira.

Triunfo em Portugal

— Efectuei então um dos combates de que mais gostei em toda a minha carreira: contra Hilário Martínez, que era campeão de Espanha, foi campeão da Europa e chegou a combater nos Estados Unidos para o Campeonato do Mundo. Este mesmo Martínez, aliás, defrontara anteriormente o grande pugilista português Tavares Crespo, a quem pusera K. O. ao primeiro assalto.

Nesta sua permanência em Portugal, Horácio teve confrontos, ainda, com Amoedo, De Cêa, Angel Sobral, Gavalda, Ferrer, Kid Janas e Wouthers, somando vitórias aos pontos, e derrotando K. O. ao primeiro assalto, o francês Thouvenin. Determinados sectores da crítica portuguesa desmereceram, então, do valor de Janas e Wouthers. No entanto, este último, campeão da Bélgica, tinha feito um «nulo» com Sibylle, ex-campeão europeu, e, passado pouco tempo, conquistaria o título da Europa dos meios-médios. Kid Janas viria a ser campeão do seu país na categoria de médios e Martinez defrontou a breve prazo Gustavo Eder, em Berlim, para o título da Europa dos médios, perdendo aos pontos o combate, que era de quinze «rounds».

O que foi por certo o melhor pugilista português de todos os tempos voltou, já com os bolsos cheios e perdido para sempre o vício do jogo, para os Estados Unidos. Não, porém, sem que investisse parte da verba arrecadada na construção de uma casa para a mãe, em Ílhavo. Pudera, finalmente, dar-lhe a prenda que faltara à sua chegada à terra natal.

Decadência

De novo na América — continuou a recordar Horácio Velha —, fiz lá mais três ou quatro combates e voltei a Portugal. Mas já estava, nessa altura, em decadência. Foi todavia no meu País que fiz o meu último combate.

Desta feita, os combates disputados nos Estados Unidos puseram-no frente a Joe Noto e Midget Mexico, a quem venceu, apesar de já se achar, efectivamente, numa fase de menor pujança e, sobretudo, desiludido pelo ambiente nem sempre o mais límpido que pululava nos bastidores do boxe norte-americano. Não se suponha, contudo, que Horácio subiu, nestas oportunidades ao ringue, a viver só à custa do nome que fizera: a provar o contrário está o facto de Midget Mexico, que ele derrotou claramente, ter no ano anterior defrontado Tony Canzoneri, combate de onde saiu o «chalanger» de Lou Ambers, campeão mundial dos leves.

Na sua última ronda pugilística em Portugal, o ilhavense, em 1937, empatou aos pontos com Viez, ex-campeão francês dos leves, e não comparecendo num combate à porta fechada com Prior, perdeu em favor deste o título de campeão português dos meios-leves, que mantivera em seu poder ao longo de vários anos /.../

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— garantia de qualidade e bom gosto —

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL
Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores

Rua Cónego Maio, 101
Apartado 409
S. BERNARDO - AVEIRO
Telefone 25023

Vende-se

AUTO-FÚNEBRE

marca Ford V-8 em bom estado, vende-se; contactar com a Agência Capela em Esgueira.

J. Rodrigues Póvoa

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOLOGIA
METABOLISMO BASAL

No consultório—Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 - 1.º Dto.
Telefone 23375
A partir das 13 horas com hora marcada
Resid. — Rua Mário Sacramento, 106-3.º — Telefone 22750
EM ILHAVO
no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas
Em Estarreja - no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

EXPLICAÇÕES

PORTUGUÊS e FILOSOFIA — Curso Complementar.
INGLÊS — Cursos Geral, Complementar e Propedêutico.

Tratar das 12 às 15 ou das 20 às 21 horas na Rua de Passos Manuel, 3 - r/c - Esq.º (Bairro do Liceu), ou telef. n.º 22695

J. Cândido Vaz

MÉDICO-ESPECIALISTA
DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 2.as, 4.as e 6.as
a partir das 16 horas
(com hora marcada)

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 81 - 1.º Esq. — Sala 3
AVEIRO
Telef. 24788
Residência — Telefone: 22856

ESTABELECIMENTO
TRESPASSA-SE

— na Rua do Carmo, 39 em Aveiro. Telefone 28535.

PETISQUEIRA CAMPONESA

Rua dos Forninhos
Telefone 25735
PATELA — AVEIRO

Casa Especializada em Petiscos e Comidas, com Vinhos seleccionados, onde poderá saborear diariamente, leitão assado, frango de churrasco, bacalhau assado e outras variedades de comidas à moda da nossa casa.

VISITE-NOS...
E SERÁ NOSSO CLIENTE

OFERECE-SE

— Ex-empregado bancário, com 13 anos de serviço e conhecimentos de Contabilidade e Expediente, oferece os seus serviços para firma idónea.
Tratar com:
Carlos Júlio do Padre Fitorra, na Trav. do Arco, 8 — Aveiro

ROGÉRIO LEITÃO

MÉDICO-ESPECIALISTA
DOENÇAS DO CORAÇÃO

Cons.: — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 82-1.º E — Tel. 24790

Res.: — Rua Jaime Moniz n.º 18
Telef. 22677 — AVEIRO

Explicações de Inglês

Senhora, jovem, com o 7.º Ano dos Liceus e com o Curso de Inglês da Universidade de Harvard, Cambridge, aceita instruendos do Liceu, Escola Comercial, Particulares, e traduções ou lugar compatível às suas habilitações.

Tratar na Rua de S. Martinho, 46, em Aveiro, ou pelo telefone 27895.

EM QUALQUER ÉPOCA

Faça as suas compras na

GALERIA ICONE

de Mário Mateus

Rua do Gravito, 51 — AVEIRO
(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)

Casa especializada em:
BIBELOS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS
MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES
PAPÉIS
ALCATIFAS
LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS

Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

AMORIM FIGUEIREDO

MÉDICO-ESPECIALISTA
OSSOS E ARTICULAÇÕES

participa a mudança do seu Consultório Médico para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 54 (2.º andar), em
AVEIRO
(Telefone 24355)

Consultas:
2.as, 4.as e 6.as — 10 horas
Residência:
Telef. 22660

HERNÂNI

tudo para

DESPORTO

Rua Pinto Basto, 11

Telef. 23595 — AVEIRO

OFICINA DE ARTE

— DE —
MANUEL FERNANDO MARTINS
SOLPOSTO
Telefones 28746-27984

Um marceneiro especializado no estrangeiro em móveis de cozinha.

Mande fazer os seus móveis na

OFICINA DE ARTE

PROPRIEDADES — COMPRA — VENDA

Rua Luís Cipriano, 15 (à R. dos Comb. G. Guerra)
TELEF. 28353
AVEIRO

ENTUFAPRA

EMPRESA TURÍSTICA FAROL-PRAIA, LDA.

BARRA — GAFANHA DA NAZARÉ — TEL. 26042

- TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO
- PROPRIEDADE HORIZONTAL
- CONSTRUÇÃO CIVIL

Na Barra andares em acabamento desde 710 contos com 3 e 4 assoalhadas

PROPEDÊUTICO

Apoio aos Alunos
Externato
Fernão de Magalhães
Telefone 23390
Rua de Coimbra, 21
AVEIRO

A. FARIA GOMES

MÉDICO-ESPECIALISTA
ESTOMATOLOGIA
CIRURGIA ORAL
e REABILITAÇÃO

Consulta todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3 - 3.º E — Telef. 27329

RUI BRITO

MÉDICO-ESPECIALISTA
Ginecologista do Hospital de Aveiro — Doenças das Senhoras
Operações
Consultório:
Rua Dr. Alberto Souto, 34 - 1.º
Telefone 28210
Residência:
Rua Aquilino Ribeiro, 4 - r/c
Telefone 28590

Dr. A. Almeida e Silva

ESPECIALISTA
Partos e Doenças de Senhoras

Consultas:
Rua Dr. Alberto Souto, 48 - 1.º
Sala C
A partir das 16 horas
Telefones { *Consultório: 27938* / *Residência: 28247*
AVEIRO

DAR SANGUE É UM DEVER

KIOSHK

Self-Service

em pleno coração da cidade (ao n.º 10 da Praça Humberto Delgado) faculta ao público a imediata aquisição de tabacos, perfumarias, artigos de papelaria, revistas e jornais diários e outros — entre estes também o

MAYA SECO

MÉDICO ESPECIALISTA
PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS
Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c — AVEIRO

Torres Constrave

AVEIRO

TEMOS UM ANDAR PARA SI!

— Nós também queremos colaborar
— Propriedade horizontal rodeada de zonas verdes
— Colaboração com Estabelecimentos de Crédito

SOLUÇÃO IMEDIATA PARA O PROBLEMA DA SUA HABITAÇÃO

CONSTRAVE - Construções de Aveiro, L.da

Avenida Araújo e Silva, 109 — Telef. 25076
AVEIRO

SAL DE AVEIRO

(ENSACADO OU A GRANEL)

COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES E TRANSFORMADORES DE SAIS MARINHOS DE AVEIRO (S.C.R.L.)

Escritório — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 113-2.º — Telef. 27367
Armazém — Cais de S. Roque, 100 — AVEIRO

EXPRESSIVA MENSAGEM

O Presidente da Comissão Distrital de Juízes de Basquetebol de Aveiro, Capitão Joaquim Duarte — apreciado e dedicado colaborador deste jornal — subscreveu, com data de 14 de Dezembro de 1977, a Circular n.º 6-77/78, cujo assunto, sob a epígrafe FESTAS FELIZES, é uma expressiva mensagem, que, embora de âmbito limitado, bem merecerá ser alargada, bem deverá ultrapassar o campo único do basquetebol, para ser dirigida ao vasto campo de todas as modalidades desportivas.

Assim o entendendo, aqui transcrevemos — para todos os desportistas — o teor da circular a que acima aludimos, uma expressiva mensagem, cujos votos igualmente gostamos de subscrever, como sendo nossos:

É hábito, nesta época de Natal, as pessoas felicitarem-se mutuamente, desejando felicidades recíprocas, assinalando assim uma época que se deseja particularmente feliz.

Sabe bem que, ao longo de 365 dias de convívio em ambiente desportivo (e não só...) possamos enviar a todos quantos colaboraram connosco desejos de PAZ e de FRATERNIDADE. Isto significa, para nós, que, não obstante o ardor do caminho percorrido, ainda encontramos forças para nos felicitarmos por ter estado em tão boa companhia.

E porque o BASQUETEBOL precisa de todos nós, cada vez mais irmanados no desejo do seu desenvolvimento e engrandecimento, façamos votos para que no NOVO ANO continuemos com mais entusiasmo, se possível, a lutar pela causa que nos identifica.

Entretanto, aproveitamos a oportunidade para desejar a todos um BOM NATAL e um ANO NOVO esperançoso em melhores dias para todos os PORTUGUESES.

A Comissão Distrital de Juízes de Basquetebol de Aveiro fica com o pensamento em vós e nas vossas Famílias, comungando, decerto, no mesmo desejo comum de PAZ e FELICIDADE.

AMANHÃ — À NOITE

I CORRIDA S. SILVESTRE DE AVEIRO

Promovida, em conjunto, pelo Grupo Recreativo «Os Choras», pelo Grupo Recreativo da Forca e pelo Grupo Desportivo do Bairro de Sá — com colaboração e organização técnica da Delegação da Direcção-Geral dos Desportos e da Associação dos Desportos e da Associação de Desportos de Aveiro —, vai realizar-se amanhã, sábado, nesta cidade, a **I Corrida S. Silvestre de Aveiro.**

A competição englobará cinco provas, que terão início às 21.30 horas e que vão reunir larguíssimas dezenas de atletas (filiados e não filiados) que vão competir, nos diversos escalões etários, mais de duzentos concorrentes.

As metas de saída e de chegada ficam instaladas na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho (junto ao edifício do Banco Português do Atlântico) e quatro das corridas decorrerão apenas naquela artéria. São elas:

— INFANTIS — Maculinos e femininos, na distância de 1.100 metros, às 21.30 horas.

— INICIADOS — Masculinos, na distância de 2.000 metros, às 22 horas.

— JUVENIS — Masculinos, na distância de 4.000 metros, com início às 22.10 horas.

— SENHORAS — Na distância de 1.700 metros, com início às 23.15 horas.

Por último, às 24 horas, a prova principal, para JUNIORES e SENIORES, compreenderá uma volta, aproximadamente com 8.500 metros, ao seguinte percurso: Avenida do Dr. Lourenço Peixinho (até à Estação), Rua do Dr. João de Moura (até à Passagem de Nível), Rua de Hintze Ribeiro, Rua de Sá, Rua do Carmo, Rua do Gravito, Rua do Conselheiro Luís de Magalhães, Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, Rua de Viana do Castelo, Ponte-Praça, Rua do Clube dos Galitos, Rua de Belém do Pará, Rua de Gustavo Ferreira Pinto Basto, Praça do Marquês de Pombal, Rua do Capitão Sousa Pizarro, Avenida de Araújo e Silva, Rua do Dr. Mário Sacramento, Rua de Eça de Queirós, Bairro do Liceu, Avenida do Cinco de Outubro, Rua do Comandante Rocha e Cunha e Avenida do Dr. Lourenço Peixinho.

EM TEMPO DE BALANÇO

RELATÓRIO da D. G. D.

O Delegado em Aveiro da Direcção-Geral dos Desportos, Dr. Jorge Severino Silva, teve a gentileza — que nos cumpre agradecer — de nos procurar para fazer a entrega de um exemplar do Relatório-77 da D.G.D. de Aveiro.

Trata-se de um trabalho com cinco capítulos (1 — Introdução. 2 — Planos de Desenvolvimento. 3 — Desporto para Todos. 4 — Desporto Escolar. 5 — G.U.E.D.A./ /G.A.C.A.), em que se faz o balanço das actividades daquele organismo e cuja consulta se torna deveras útil para os desportistas.

Julgamos de interesse tornar públicas as considerações escritas, na nota de introdução do relatório, pelo Dr. Jorge Severino Silva. Por isso, e dispensando-nos de mais comentários, vamos de imediato arquivar no LITORAL parte do texto a que acima nos referimos, esperando completar a sua publicação no próximo número deste semanário.

Elaborar um relatório de que conste a situação desta Delegação, no ano de 1977, é, sem dúvida, um facto que considero importante — na medida em que se obterá um documento que permitirá não só fazer o balanço que habitualmente se costuma apresentar, após doze meses de trabalho, como ainda reflectir sobre os objectivos que se propuseram alcançar e, eventualmente, não foram atingidos; meditar de novo nos critérios que houve necessidade de estabelecer; e, ainda, corrigir desvios que os mesmos possam ter sofrido ou mereçam sofrer.

Tendo criticado, anterior e frequentemente, as linhas de acção da Direcção-Geral dos Desportos, não causará grande surpresa ter-me preocupado, logo após a minha nomeação como delegado (o que se verificou precisamente há um ano), em definir concretamente os objectivos duma Delegação Regional da Direcção-Geral dos Desportos, estabelecer directrizes para as acções a desenvolver e, principalmente, criar critérios que visem os objectivos propostos e se coadunem com a estratégia a adoptar.

Esta fase, relativamente fácil de planificar, mas de difícil execução se houve que cumprir rigorosamente os critérios estabelecidos, merece uma análise exaustiva e constante e exige uma capacidade que os delegados — por não terem tido formação adequada — e as delegações — por não estarem dotadas de meios eficientes —, frequentemente não possuem.

Por isso, muitas vezes, falha-se. Esta situação é eventualmente agravada pelo facto da grande maioria da população não estar suficientemente esclarecida sobre o âmbito e limites de intervenção da Direcção-Geral dos Desportos e, particularmente, das Delegações Regionais, olhadas sempre como um manancial de meios financeiros, materiais e humanos, que na realidade não possuem.

E a verdadeira vocação da Direcção-Geral — entidade coordenadora, quer de infraestruturas, quer de desenvolvimento desportivo, quer de actividade — é, quase sempre, esquecida.

Continua na 5.ª página

Lição dos mestres romenos

Selecção de Aveiro, 16
Dínamo de Brasov, 39

Perante assistência diminuta — dado que o desafio foi tarde e deficientemente programado e disputado em data pouco propícia e pouco convidativa (a noite de sexta-feira, 23 de Dezembro) para muitos desportistas —, no Pavilhão Gimnodesportivo, e sob arbitragem dos srs. Dúlio Oliveira e Jerónimo Silva, da Comissão Distrital do Porto, as equipas alinharam deste modo:

Selecção de Aveiro — Chinca, (Travesso), Élio (3), David (2), Nuno, Ulisses (2), Fernando Rocha, Helder (2), Mário Garcia (1), Patarrana (4) e António Carlos (2).

Dínamo de Brasov — Vasilache (Saveluc), Mintici (4), Nedici (5), Buca (6), Chicomban (8), Dumitru (6), Cian (9), Ceausa e Zigmond (1).

Marcha do resultado — 0-1, 0-2, 0-3, 0-4, 1-4, 2-4, 3-4, 3-5, 3-6, 3-7, 3-8, 4-8, 4-9, 5-9, 5-10, 6-10, 6-11, 6-12, 6-13, 6-14, 6-15, 7-15, 7-16, 7-17, 7-18, 7-19, 7-20 (intervalo), 7-21, 7-22, 8-22, 8-23, 8-24, 9-24, 9-25, 9-26, 9-27, 9-28, 10-28, 10-29, 11-29, 11-30, 12-30, 12-31, 13-31, 13-32, 14-33, 15-33, 15-34, 15-35, 15-36, 15-37, 16-37, 16-38 e 16-39.

A turma que nos visitou — terceira classificada da Liga A da Roménia, a seguir às equipas do Staua e do Dínamo, ambos de Bucareste —, embora desfalcada de quatro titulares (Botan, Nicolescu, Messmer e Schmit — que, como nos informou o seu treinador, Donca Ion, se encontram integrados na selecção nacional que disputa o Campeonato do Mundo, na Dinamarca) deu verdadeira lição em Aveiro, numa modalidade em que, como geralmente se sabe, os romenos são dos mais qualificados mestres.

Impressionaram-nos, sobretudo, a excelente movimentação da bola (que quase não vem ao chão) e a sua condução da defesa para o ataque, a segurança do bloco defensivo e, é óbvio, a capacidade e a eficiência dos rematadores.

Como se esperava, aliás. Pelo que, com naturalidade, os jogadores aveirenses — uma selecção formada quase sobre a hora (apenas com uma sessão de treino, em conjunto, na

Continua na 5.ª página

RECORTES

Rubrica Coordenada pelo DR. LÚCIO LEMOS

O CULTO DO CAMPEÃO

«/.../ O Desporto não pode prostituir-se ao «culto do campeão» (fruto, sem dúvida, de estruturas sociais conflituantes, mas também do culto do «super-homem» quem sempre tem animado o Desporto através dos tempos). Trata-se, muitas vezes, de um processo de subestimar valores humanizantes para, na sua vez, propagandear formas de vida que nada têm a ver com o companheirismo, o diálogo, a saúde individual e colectiva. O Desporto não se fez para formar «super-homens», mas esta coisa tão sublime e tão rara: HOMENS ! /.../»

Palavras do DR. MANUEL SÉRGIO, na Revista n.º 6 da Direcção-Geral dos Desportos — Outubro de 1977

HORÁCIO VELHA, ÍDOLO DO BOXE NOS ANOS 30 - VITÓRIAS NOS RINGUES

TRIUNFO NA VIDA

No último sábado, 24 de Dezembro, o vespertino lisboeta A CAPITAL publicou (ilustrada com duas expressivas gravuras) uma reportagem assinada pelo Jornalista JOSÉ SARABANDO, nosso conterrâneo e nosso bom amigo, com o título e subtítulo que transcrevemos. Trata-se de curioso e longo trabalho, sobre o desportista Horácio da Velha, um dos maiores pugilistas portugueses de todos os tempos, um aveirense (natural da vizinha vila-maruja de Ílhavo) que, ainda na semana finda, nestas colunas recordámos.

Com a devida vénia, trazemos ao LITORAL alguns excertos das páginas de A CAPITAL — Ano X (2.ª Série) — N.º 3307 de 24/Dezembro/ /1977 —, dando ensejo a que os nossos leitores possam, através da pena de José Sarabando, tomar conhecimento da grande figura do desportista que foi Horácio da Velha, um «ídolo do boxe nos anos 30».

A reportagem começa assim:

Era o «iron-man» para os americanos, o ídolo para os portugueses um ídolo distante, só entrevistado em fulgurantes passagens pelos ringues do Porto e de Lisboa. O «homem de ferro», Horácio Velha, foi — e disso há provas seguras — um dos melhores pesos-médios dos anos 30, a nível mundial. Pugilista de pequena estatura física mas fulgurante no soco e rápido na esquiva, combateu para o título de campeão do mundo da sua categoria contra Lou Bruillard, detentor do ceptro. Horácio não conseguiu pôr «K. O.» o adversário e, ante ruidosos protestos da assistência, foi declarado vencido aos pontos. Ele afirma que foi vítima de uma arbitragem parcial, facto que viria a repetir-se mais tarde, quando perseguiu a conquista do escalão máximo do boxe europeu. Nascido em Ílhavo em 1908, Horácio Velha afastou-se da «nobre arte» antes de perfazer os 30 anos, depois de uma vida recheada de glória e aventura, com uma passagem pela II Grande Guerra ao serviço do Exército dos Estados Unidos. Foi, nessa altura, galardoado com uma «estrela de prata», atribuída pelo Governo americano. Coube agora ao Executivo português agraciar o exímio ex-«boxeur» com a medalha de «bons serviços», pelo contributo prestado à divulgação do desporto nacional e na qualidade de elemento prestigiado da colónia portuguesa nos E. U. A.

Encontrámos Horácio Velha na região de Aveiro, numa das suas habituais férias feitas em Portugal para matar saudades. Conversador fluente, contou-nos, a traços largos, a história da sua vida, que reproduzimos respeitando no possível a cronologia dos factos. /.../

Assim, Horácio Velha frequentou a escola primária como muitas outras crianças da sua terra, antes de se matricular no Liceu de Aveiro. No temperamento do jovem, tal qual se manifestava àquela época, poder-se-á encontrar a raiz da vocação mais tarde revelada.

— Eu era — rememorou Horácio Velha — uma criança que respeitava muito a gente de idade. Mas pelos

Continua na página 6

PROVEITOSO ESTÁGIO

MAIS SETE «RECORDS» de NADADORES de AVEIRO

Orientado pelo técnico regional José Manuel Pintassilgo, decorreu — de 19 a 23 do presente mês de Dezembro — um estágio para nadadores da Associação de Natação de Aveiro, pertencentes ao Galitos e ao Sporting de Aveiro, visando a observação e a preparação dos elementos escolhidos, em princípio, para tomarem parte em 11 e 12 de Fevereiro do próximo ano, no «Meeting» Internacional de Lisboa.

Tomaram parte vinte jovens (sete raparigas e treze rapazes), em duas sessões diárias de treino, em que muitos chegaram a atingir os sete mil metros, havendo tiragem de tempos para «records» e para se detectar a fase de preparação dos nadadores.

E que o estágio foi deveras proveitoso demonstra-se pela circunstância de terem sido melhoradas imen-

Continua na 5.ª página